

## APRESENTAÇÃO

São oito articulistas que acabaram por refletir sobre a temática *Enunciação e Figuratividade*, para a discussão da qual a ALFA, que a propôs, busca contribuir dedicando-lhe este número. A maior parte dos artigos situam-se no quadro teórico da semiótica; pode-se adivinhar um motivo: apesar de serem utilizados de maneira ampla e sistemática nas reflexões sobre a linguagem, os dois termos, que compõem a temática, constituem conceitos fulcrais na teoria semiótica e são, por ela, formulados em imbricada relação. Há, entre os artigos, os que se dedicam a explorar a mencionada articulação teórica entre os dois conceitos e os que preferem examinar outros de seus vínculos. Essas considerações permitem antever que a leitura deste número da revista ajuda a compor a complexidade da temática e a acompanhar as diferentes preocupações que suscita, mas se pode antecipar também que possibilita apreender, ou confirmar, tendências da filiação teórica comum. Pelo menos, é o que mostram nossas incursões pelos textos.

A presença e a importância incontestável dos termos enunciação, figura, figuratividade em outros cenários epistemológicos estão também lembradas, neste volume. Trata-se de dois artigos que declaram seus vínculos teóricos com a análise da conversação e do discurso. A despeito dos lugares teóricos diversos, ressoam aferradas preocupações comuns. Escutemos, pois, alguns desses ecos; a partir, porém, do que traz cada artigo.

Diana Luz Pessoa de Barros, em "Publicidade e figurativização", trata primeiramente da figurativização discursiva e, depois, particulariza a reflexão atendo-se à publicidade, aos anúncios publicitários de bancos, examinando as funções e as explorações figurativas de um de seus grandes temas: o do tempo, que constitui pequenas mitologias *we live by*. As figuras criam um efeito de corporalidade ao tema, concretizam sensorialmente o tempo, as "idades da vida", e suas paixões. Para o recorte que se faz, aqui, nesta apresentação, ressalta-se também, no artigo, o reconhecimento da determinação sócio-histórica de que resulta a constituição dos temas e figuras, mas também, nestas mais do que naqueles, do lugar de escolhas enunciativas relativamente autônomas em relação às formações sociais.

Em "Figurativização do espaço em "O búfalo", de Clarice Lispector", Loredana Limoli encontra no estudo da espacialização um caminho de análise do conto, um modo de reanimação de sua enunciação. Da apreensão de lexemas, dos campos lexicais

que os agrupam, ao exame das figuras, das isotopias figurativas, reunidas pelos temas, a autora vai recuperando o traçado que constitui a espacialidade do conto, sua dimensão privilegiada, não somente por lhe desenhar a sustentação física, mas também por lhe incorporar a dimensão passional.

Como a contribuição anterior, o artigo "Um amor de Ovídio: uma leitura estilístico-semiótica" dedica-se à análise de um texto literário, levando a semiótica a um poema clássico, para reconhecer suas tensões, mais abstratas, que norteiam a organização figurativa, de seu nível discursivo, e a versificação, em seu nível textual. O articulista, Everton da Silva Natividade – que, concomitantemente à análise e a homologá-la, também se ocupa da tradução do poema – completa seu estudo destacando, da dimensão passional do poema analisado, a importância do lexema "resignação", aos moldes do que faz Algirdas Julien Greimas em seu trabalho sobre a paixão da "cólera".

O artigo de José Luiz Fiorin aqui publicado, "O *pathos* do enunciário", e a sua reflexão sobre o *ethos* do enunciador, preparado para outra publicação, integram o exame semiótico da enunciação animado pelo conhecimento da retórica clássica. A análise dos modos de presença do enunciador e do enunciário mostra a relação intrínseca entre os dois atores da enunciação; e, dessa maneira, contribui para a compreensão das opções e determinações enunciativas e para a avaliação da eficácia do discurso.

Com orientação semelhante, "A paixão do ciúme: análise semiótica do discurso", de Arnaldo Cortina, reúne, à preocupação com o leitor implícito e o processo interpretativo, com "as intenções do texto" e seus condicionantes sócio-históricos, o interesse pelo componente passional do discurso, particularmente revelado pela paixão do ciúme.

Compõe ainda o conjunto de trabalhos situados nos domínios da semiótica o artigo "Politicamente correta Rosa Branca: intertexto e enunciação", de Ana Cristina Fricke Matte, que explora as aberturas e caminhos da teoria adotada para a problematização da noção de intertexto. Com apresentação de exemplos de análise, o estudo convida a procurar, na instância da enunciação, particularmente nas pistas da "enunciação enunciada", as indicações das relações intertextuais; mas, mesmo reconhecendo a pertinência analítica do conceito, vê arbitrariedade no recorte do intertexto e, com ela, um limite de análise.

Maria Angélica Lauretti Carneiro, em "Cenografia e *ethos*: legitimação enunciativa em uma notícia de jornal", apresenta uma análise discursiva de escolhas, posições subjetivantes encontradas em seu texto-objeto; para tanto, adota, na esteira de Dominique Maingueneau, as noções de cenografia e *ethos*, às quais atribui poderoso efeito persuasivo.

Situada no âmbito da análise da conversação, a última contribuição deste número – mas não, por isso, menos importante –, o artigo de Denise Durante analisa, de uma maneira original, "A representação da oralidade nos textos dos anúncios publicitários", identifica os recursos expressivos, a figuratividade e a iconicidade, que imitam o colo-